

Infecções aumentam o risco de intolerância ao glúten

Problemas como gripe e otite nos seis primeiros meses de vida podem dobrar as chances de desenvolvimento da doença celíaca. Cientistas acreditam que dar exclusividade ao aleitamento materno nesse período evita o transtorno

» MARCELA ULHOA

Algumas crianças, ainda nos primeiros meses de vida, sofrem com episódios frequentes de infecção. São gripes, otites, irritações no intestino que podem culminar em um problema raro ainda pouco considerado nos diagnósticos médicos: a doença celíaca. Caracterizada pela intolerância permanente ao glúten, ela atinge cerca de 1% da população mundial e seus sintomas clássicos — como diarreia, desnutrição, vômitos, falta de apetite e mesmo prisão de ventre — são facilmente confundidos com outros distúrbios. Impressionados com o surto da doença do glúten na Suécia, pesquisadores da Universidade de Umeå realizaram um estudo com 954 crianças e constataram que mais de três infecções, independentemente do tipo, durante os seis primeiros meses de vida de um bebê, podem dobrar o risco de desenvolvimento da doença celíaca.

“A ligação entre infecções precoces e a enfermidade já havia sido sugerida, mas as pesquisas anteriores trazem resultados inconclusivos. Um importante fator que conseguimos mostrar é que existe um efeito sinérgico a partir da quantidade de glúten ingerida”, explica Anna Myléus, autora principal do estudo. Segundo ela, quanto mais glúten uma criança com muitas infecções consumir, mais potente será o efeito maléfico sobre a saúde dela. A combinação dos dois, nesse caso, é muito mais explosiva do que a soma in-

dividual de cada um dos fatores de risco. Além disso, a situação piora ainda mais se a mãe tiver interrompido cedo o aleitamento e, logo depois, acrescentado o glúten à dieta do bebê. Na categoria dos alimentos que devem ser eliminados pelos celíacos entram quase todos os itens industrializados, já que o glúten é nada menos do que a principal proteína presente no trigo, na aveia, no centeio, na cevada e no malte.

Segundo os pesquisadores, um importante aspecto a ser ressaltado do estudo é a importância do aleitamento materno na redução do risco para a doença do glúten, especialmente entre as crianças que sofrem com infecções frequentes. “O leite materno protege a criança predisposta, e a introdução do glúten deve ser feita em pequenas quantidades ainda durante a amamentação contínua”, reforça Myléus. De acordo com a pediatra e professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB) Lenora Gandolfi, é essencial a conscientização para que as mães voltem a amamentar os filhos de forma exclusiva. “A mulher está perdendo isso, ela já cresce em uma sociedade em que tem que competir, que trabalhar e, desde a Revolução Industrial, é comum que ela deixe seus filhos com a ama de leite. A amamentação tem que ser um ato espontâneo”, pondera.

Gandolfi foi uma das especialistas responsáveis por implementar os primeiros exames para o diagnóstico da doença do glúten no Brasil e hoje acompanha mais de 400 pacientes



O leite materno protege a criança predisposta, e a introdução do glúten deve ser feita em pequenas quantidades ainda durante a amamentação contínua”

Anna Myléus, autora principal do estudo

celíacos no Hospital Universitário da UnB (HUB). Em 2009, a professora orientou um estudo de caso com 214 crianças que chegavam ao HUB com sintomas que indicavam a possibilidade da doença, mas sem diagnóstico concluído, e chegou ao resultado de 2,3% de crianças de 12 a 36 meses com doença celíaca. “Esse número foi maior do que o 1% de prevalência na população mundial”, reforça a médica.

Desconhecida

Apesar de ser um mal autoimune causado por vários fatores, ainda

hoje há pouca informação e pouco conhecimento dos potenciais riscos que estimulam a intolerância permanente ao glúten. “Sabemos que, para que a doença celíaca se manifeste, a pessoa tem que ter a predisposição genética e comer glúten. Várias infecções podem contribuir para a inflamação da mucosa intestinal e abrir as portas para a doença, mas ainda não compreendemos bem o gatilho disso tudo”, relata Gandolfi. A presença do gene HLA-DQ2 ou HLA-DQ8 é uma condição necessária. Em pessoas predispostas, moléculas não digeridas de gliadina (um dos componentes mais nocivos do glúten), ao entrarem em contato com as camadas mais internas da mucosa intestinal, disparam uma reação imunológica no intestino delgado, causadora do processo inflamatório crônico responsável pelos sintomas.

A estimativa é de que 30% da população carregue o gene para a doença celíaca e, ainda hoje, a grande dificuldade enfrentada é justamente no diagnóstico do problema, etapa fundamental e primordial para melhorar a qualidade de vida dos celíacos. “Muitos médicos não conhecem a doença. Você chega ao posto de saúde com febre e diarreia e eles falam que é virose. Antes, era difícil detectar, era só por biópsia, mas hoje o exame de sangue custa em torno de R\$ 10 para o sistema público de saúde. Não entendo por que ainda é tão difícil”, reclama Paulo Roberto Ferreira da Silva, presidente da Associação dos Celíacos do Brasil no Distrito Federal (Acelbra DF).

Silva começou a se envolver na causa em 2006, quando descobriu que sua filha Keicy Lopes da Silva, hoje com 15 anos, era celíaca. “Era novidade para a gente. Até hoje, quando os pais descobrem, ficam desorientados. Ela manifestou os sintomas com 2 anos, quando começaram as dores abdominais. Ficamos mais de quatro anos correndo atrás de diferentes médicos. Eles prescreviam remédio de verme e nunca dava certo”, relata.

No intuito de auxiliar outros pais, Silva toma a frente da associação que oferece esclarecimento e oficinas gratuitas na Faculdade de Medicina da UnB aos interessados em aprender como readaptar a dieta do dia a dia com a retirada do glúten. “Para quem tem a doença, a dificuldade é muito grande, principalmente fora de casa. As escolas não estão preparadas, tudo tem glúten. As crianças mais carentes chegam a passar fome porque não têm outra opção. Os produtos para celíacos são muito caros, às vezes o preço é 130% maior”, critica.

» Saiba mais

Para conhecer a Associação dos Celíacos do Brasil no Distrito Federal e acompanhar a agenda de atividades da associação, acesse o site www.acelbra-df.com.br ou ligue para o telefone (61) 3411-2056.

Estrago duradouro

Pesquisa indica que infecções no primeiro semestre de vida aumentam os riscos de desenvolvimento de doença celíaca ainda na infância.

O que é

- A doença celíaca é a intolerância permanente ao glúten. Desenvolve-se em portadores do gene HLA-DQ2 ou HLA-DQ8, condição necessária, mas não suficiente para a sua instalação. Hereditário, o mal pode acometer uma família inteira. Geralmente manifesta-se entre o primeiro e o terceiro ano de vida, mas pode surgir em qualquer idade
- Uma das principais consequências da doença é a lesão da mucosa intestinal, causando prejuízo na absorção dos nutrientes, vitaminas, sais minerais e água
- Os sintomas podem incluir diarreia, anemia, baixa estatura e complicações neurológicas. Nos adultos, a apresentação clássica é de crises de diarreia acompanhadas de dor e desconforto abdominal. Anemia por deficiência de ferro, osteoporose, emagrecimento, dermatites, redução dos níveis de cálcio, alterações hepáticas, sintomas neurológicos e prisão de ventre também estão entre as complicações
- Glúten é a principal proteína presente no trigo, na aveia, no centeio, na cevada e no malte (subproduto da cevada). É amplamente utilizado na composição de alimentos, medicamentos, bebidas industrializadas, assim como cosméticos e outros produtos não ingeríveis

Incidência

Para cada caso em homem, existem dois ou três em mulheres

A doença celíaca afeta cerca de **1% da população mundial**

O estudo

- 1 Uma pesquisa realizada na Universidade de Umeå, na Suécia, sugere que, durante os primeiros seis meses de vida de um bebê, repetidos episódios de infecção, independentemente do tipo, podem aumentar em 50% o risco de desenvolvimento da doença celíaca
- 2 Infecções intestinais, gripes e otites, por exemplo, aumentam a permeabilidade da mucosa intestinal e podem abrir as portas para que as crianças com predisposição à doença a desenvolvam ainda na infância
- 3 Foram analisadas 954 crianças, sendo que 39% tinham a doença celíaca
- 4 Os cientistas notaram um aumento do risco também em crianças que mantinham uma dieta baseada em grande quantidade de glúten
- 5 O risco aumentou ainda mais quando o glúten foi incluído após o fim do aleitamento materno

